

POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA DE PESQUISA COM JOVENS

Maurício Perondi¹
mauricioperondirs@gmail.com

RESUMO

Este trabalho se propõe a responder à questão: é possível realizar uma pesquisa científica que utilize uma metodologia participativa, envolvendo jovens como sujeitos ativos na investigação? A partir desta problematização são discutidos pressupostos das ciências humanas em que, tradicionalmente, os trabalhos científicos que realizam pesquisa com jovens tendem a desenvolver perspectivas verticalizadas em que o pesquisador é sujeito e os participantes são constituídos apenas como objeto. Parte-se de uma fundamentação teórica ancorada em autores tais como Feixa (2006), Melucci (2005), Pais (2003) e Sposito (2009), que ressaltam a importância de se realizar pesquisas “com os jovens” e não apenas “sobre os jovens”. Desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa baseada em narrativas juvenis, inspirada em Niewiadomski e Takeuti (2009), através da organização de um curso com jovens de quatro organizações sociais que trabalham com jovens, a partir de quatro temas: ecologia, étnico-racial, educação popular e violência. Estes jovens realizaram formação sobre a temática da pesquisa e tiveram capacitação técnica para o seu desenvolvimento. Foram situados como sujeitos ativos na realização do trabalho de campo, contribuindo com a produção das narrativas de outros jovens, integrantes dos coletivos em que participavam. Os resultados do trabalho evidenciaram que é possível desenvolver uma pesquisa de forma participativa e que o processo formativo realizado, juntamente com a atuação efetiva, contribuiu para a formação dos jovens, ampliando os seus repertórios educativos e sociais e possibilitando o aprendizado de como realizar pesquisas acadêmicas. Além disso, destacaram que se sentiram valorizados e com grande autonomia para conduzir os processos da investigação.

Palavras-chave: Juventudes; Metodologia participativa; Narrativas Juvenis; Educação.

1 INTRODUÇÃO

As discussões teóricas e sociais sobre as juventudes contemporâneas passaram a ter maior centralidade nas últimas três décadas. No âmbito acadêmico houve um aumento da visibilidade do tema e o surgimento de novos espaços de estudo e de discussão acerca das juventudes. De modo especial, dois fatores auxiliam na percepção sobre o aumento de sua abrangência: 1) a criação e estruturação de eventos sobre juventude, que já somam dezenas de edições em diferentes universidades do país; 2) e o fomento de novos observatórios juvenis, em que já se contabilizam mais de vinte espaços, em diferentes instituições acadêmicas.

Segundo Sposito (2009), mesmo com a emergência da temática e com o crescimento em números absolutos de trabalhos sobre juventude, ainda se verifica uma fragmentação e

¹ Licenciado em Filosofia pela UNILASALLE, Canoas/RS. Mestre e Doutor em Educação pela UFRGS/RS. É professor na Faculdade de Educação da UFRGS.

dispersão dos estudos, uma ausência de agendas de investigação e de interlocução de grupos internos de pesquisa ou entre as áreas. No entanto, com a realização do Estado da Arte sobre juventude brasileira na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social, 1999-2006², a autora aponta que há o reconhecimento da juventude como categoria analítica e que esta começa a se fazer presente no universo empírico do levantamento de estudos realizados.

A partir do conhecimento construído neste estado da arte, a autora destaca que em termos metodológicos, grande parte dos trabalhos está baseada em estudos de caso de caráter etnográfico, enquanto que outros utilizam grupos focais ou a análise de discurso como instrumento de pesquisa. Diante desta constatação, ela afirma que “podemos nos perguntar se tais instrumentos seriam tão universais ou se não estaria faltando uma maior criatividade na construção de novos instrumentos metodológicos que pudessem apreender melhor a realidade juvenil” (SPOSITO, 2009, p. 107).

Nos estudos acadêmicos e nas representações sociais sobre as juventudes é lugar comum designar os indivíduos desse segmento social como se fossem ainda pessoas em preparação para o futuro, mas não sujeitos no presente (KRAUSKOPF, 2003). Tal perspectiva também tem orientado muitas das investigações realizadas com os jovens. Em vista disso, nos questionamos se seria possível realizar uma forma de pesquisa que tivesse uma abordagem metodológica participativa, em que os jovens pudessem ser protagonistas, juntamente com o pesquisador.

Esta proposição encontra consonância com o posicionamento epistemológico que afirma,

Estou convencido de que o mundo contemporâneo necessita de uma sociologia da escuta. Não de um conhecimento frio, que para no âmbito das faculdades racionais, mas de um conhecimento que concebe a todos como sujeitos. Não um conhecimento que cria distância, separação entre observador e observado, mas de um conhecimento que consegue reconhecer as necessidades, as perguntas, as interrogações de quem observa, e também capaz de, ao mesmo tempo, pôr verdadeiramente em contato com os outros (MELUCCI apud FISCHER & FOLLMANN, 2004, p. 9).

Tal referência aponta para uma necessidade premente no âmbito da pesquisa e da construção do conhecimento: a ênfase na escuta e numa relação mais próxima entre pesquisador e sujeitos da investigação. Essa necessidade emerge dos processos em que vivem as sociedades contemporâneas (MELUCCI, 2005). Para o autor (ibid, p. 34), esta visão supõe uma mudança

² Este levantamento foi realizado com base nos estudos desenvolvidos nas áreas da Educação, Serviço Social e Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia – (SPOSITO, 2009).

epistemológica, pois o objetivo não é mais a explicação da realidade em si, mas a busca pela “explicação emergente e recorrente dos processos nos quais o conhecimento é produzido, através da troca dialógica entre observador e observado”.

Semelhante perspectiva é referida por Bezerra e Takeuti, quando afirmam que

Raras vezes os textos acadêmicos fornecem lugar importante às vozes, à escrita dos narradores (geralmente considerados “os entrevistados”). Mesmo quando Bourdieu abre em sua obra *A miséria do mundo* (1993), um “espaço dos pontos de vista para dar conta da realidade dos “lugares difíceis” da sociedade francesa, com a intenção de ampliar a visão de uma “pluralidade de perspectivas correspondentes a uma pluralidade de pontos de vista coexistentes e às vezes concorrentes” (p. 9-10), estamos, ainda diante de um modelo usual entrevistador-entrevistado, cuja sistematização dos relatos pessoais não se fazem senão a partir de uma lógica estranha à do próprio narrador (2009, p. 117).

O apontamento dos autores destaca o distanciamento entre entrevistador-entrevistado, que persiste em muitas pesquisas das áreas das Ciências Humanas, de caráter qualitativo, em que as vozes e as escritas dos sujeitos pesquisados adquirem pouca relevância nos processos de investigação. A reflexão sugere ainda que se faz necessário superar esse modelo usual a fim de poder perceber, a partir da lógica própria dos participantes, suas ideias e suas experiências.

Tal perspectiva é assumida como norteadora da pesquisa com jovens que originou este texto, pois visava compreender, a partir de suas expressões, quais experiências vivenciam nos espaços de participação em que estão inseridos e quais significados atribuem às mesmas.

Esta proposta metodológica também se fundamenta em José Machado Pais (2003, p. 88), quando o autor afirma: “Interessava-me explorar a forma como os jovens, eles próprios, viam as suas vidas em vez de os questionar através de preconcebidas ou estruturadas questões”. Trata-se, assim, de uma perspectiva que denota a importância de dar visibilidade às experiências dos jovens a partir das suas próprias narrativas e pontos de vista.

Para a realização da pesquisa que originou este trabalho foi realizada a escolha de quatro coletivos, que contavam com a participação de jovens em sua organização. A definição dos grupos baseou-se em quatro grandes áreas, que para Novaes e Vidal (2005), têm sido mobilizadoras de participação juvenil neste início de século XXI: área ecológica (Instituto InGá); área étnico-racial (Instituto Afro Sul/Odomodê); área da educação popular (Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares); área da violência (Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens, das Pastorais da Juventude do Brasil).

A intencionalidade da pesquisa foi propor uma metodologia que não fosse rígida a ponto de restringir a expressão dos jovens envolvidos, mas, outrossim, que possibilitasse a narrativa de suas experiências de participação nos coletivos em que estavam inseridos. Para tal, foi construída a metodologia das “narrativas juvenis” como proposta principal de investigação, compreendidas a partir de relatos de experiências dos jovens acerca dos coletivos em que estão engajados.

2 NARRATIVAS JUVENIS COMO INSPIRAÇÃO METODOLÓGICA

A proposta das narrativas juvenis tem inspiração no conjunto amplo das histórias de vida, do campo da sociologia compreensiva (KAUFMANN, 1996), das teorias microsociológicas e da etnometodologia (LAPASSADE, 1996). As problematizações que tem lugar no campo teórico-metodológico desta metodologia são fecundas para pensar nas questões das narrativas juvenis analisadas neste trabalho. Embora o procedimento metodológico aqui adotado, a rigor, não possa ser caracterizado como histórias de vida, ele não perde de vista as suas problematizações, que também são pertinentes à nossa análise.

As histórias de vida remetem à práticas de enunciação, de reflexão e de elaboração dos acontecimentos e experiências que são vivenciadas pelos próprios sujeitos envolvidos. Atualmente, a prática se difundiu, além da Sociologia, para outras áreas das humanidades, entre elas a Educação. Também são variadas as formas metodológicas que se desdobram das histórias de vida e que enfocam especificamente como os sujeitos narram as suas vidas e experiências.

A forma específica adotada neste trabalho é a das narrativas juvenis. De acordo com Souza e Uzêda,

Narrar é poder expressar a forma como vemos e sentimos o mundo, até porque, nós, seres humanos, somos naturalmente contadores e personagens de histórias individuais/coletivas, e as narrativas podem ser entendidas como a maneira que experienciamos o mundo. A pesquisa com narrativas (auto)biográficas ajuda-nos a perceber a singularidade da vida, contudo a forma como a contamos não é linear ou a-histórica. Cada um de nós, ao longo de nossa existência, esteve/está imerso em papéis e lugares sociais carregados de significados, e, geralmente, a totalidade de uma experiência que é manifestada também vem marcada de sentidos que, por sua vez, potencializam-se como processo de (auto)formação (2009, p. 256).

A narrativa possibilita aos indivíduos expressarem a forma como experienciam o mundo e quais são os sentidos que atribuem às experiências realizadas. Apesar de narrarem
Rev. Educ., Cult. Soc., Sinop/MT/Brasil, v. 11, n. 1, p. 103-118, jan./jun.2021 20202.

experiências singulares, isso não significa que sejam apenas individuais, visto que cada indivíduo está imerso em papéis e lugares sociais que também marcam significativamente suas experiências. Outro aspecto a ressaltar é que a narrativa é realizada a partir de um contexto histórico, portanto, carrega consigo as marcas do tempo em que acontece.

Esta é a perspectiva adotada nesta pesquisa, que investigou o modo como os próprios jovens narram suas experiências de participação social e os significados que atribuem a esta participação. Cabe ressaltar que tais narrativas são concebidas como diferentes daquelas que são denominadas “narrativas de si”, que abordam a escrita da intimidade, muito presente nas sociedades pós-industriais (NIEWIADOMSKI; TAKEUTI, 2009).

A partir desta explicitação, optou-se pelos relatos como o modo para que os jovens pudessem narrar suas experiências acerca dos coletivos dos quais participam. As narrativas juvenis correspondem à metodologia adotada, enquanto os relatos são a forma prática (instrumento de pesquisa) para a investigação junto aos jovens.

A partir do relato dos jovens que integraram esta investigação, o que interessou foi o sentido que eles atribuem àquilo que narram acerca das experiências de participação social que eles próprios têm nos grupos em que atuam. Nesta perspectiva, compreendem-se os jovens não como meros “locatários do seu próprio saber-fazer”, mas como “proprietários” do seu “saber fazer”, conforme afirma Certeau (2008, p. 141-142) em sua crítica aos “relatos do não sabido”. Esta referência inscreve os jovens como autores e como detentores de saberes e experiências conferindo sentidos que podem ser expressos através de seus relatos.

3 CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DA PESQUISA

A partir dos delineamentos teórico-metodológicos, a pesquisa foi organizada de modo que os jovens envolvidos no trabalho pudessem participar de forma efetiva em todas as fases da investigação. Para que isso ocorresse, dividiu-se o processo em cinco fases: a) Definição dos coletivos a partir de quatro temas; b) Formação de uma equipe de jovens que contribuiriam com a pesquisa; c) Realização do Curso de formação “Juventude, participação social e narrativas juvenis”, d) Coleta das narrativas dos jovens sobre suas experiências de participação; e) Discussão dos dados da pesquisa. Na sequência serão abordados os principais aspectos relativos a cada uma dessas fases.

3.1 FASE 1: DEFINIÇÃO DOS COLETIVOS

O primeiro procedimento metodológico consistiu na busca por definir quais seriam os grupos para a pesquisa. Procurou-se por grupos localizados na cidade de Porto Alegre com o objetivo de facilitar a investigação e acesso aos mesmos, pois como são quatro experiências, as mesmas demandaram a dedicação de tempos significativos para a visita e a participação em tais atividades dos grupos. Em alguns casos, já havia conhecimento dos coletivos e, em outros, foi necessário fazer uma aproximação, pois eram desconhecidos.

Os coletivos escolhidos foram: Instituto InGá (área ecológica); Instituto Afro Sul/Odomodê (área étnico-racial); Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares (área educação popular) e Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens (área violência), constituindo uma equipe de oito jovens.

A partir da escolha e da aproximação dos grupos, o passo seguinte foi a constituição de uma Equipe de Pesquisa, com integrantes das quatro experiências, que foram convidados a participarem de um curso de formação e, posteriormente, a contribuírem diretamente na investigação.

3.2 FASE 2: FORMAÇÃO DA EQUIPE DE JOVENS QUE CONTRIBUÍRAM COM A PESQUISA

A realização do convite aos participantes e a definição final dos participantes aconteceu após a interação do pesquisador junto aos quatro coletivos escolhidos, num período de aproximadamente cinco meses. Este tempo foi necessário para maior conhecimento dos grupos e principalmente dos jovens participantes, objetivando convidar representantes que pudessem atender aos critérios da investigação. Neste período foi possível visitar as sedes dos grupos, participar de reuniões, se fazer presente em atividades desenvolvidas e interagir com seus participantes. Em cada um dos grupos a aproximação e a definição aconteceram de maneira diferente, de acordo com as características e peculiaridades próprias dos mesmos. Foram adotados os seguintes critérios para a escolha dos participantes:

- a) mínimo de um ano de participação no grupo;
- b) possibilidade de participação em tempo integral do curso de formação e comprometimento em realizar entrevistas com outros dois jovens do seu coletivo;

c) representatividade de gênero³.

A idade dos participantes variou de 21 a 31 anos e o tempo de participação foi de no mínimo 2 e máximo 17 anos⁴. O critério da representatividade de gênero não foi plenamente atendido, pois configurou-se um número maior de participantes do sexo feminino⁵.

A confirmação dos jovens aconteceu através de contato pessoal com o pesquisador, ato em que foram explicitados os objetivos da investigação, foi realizado o convite para integrarem a equipe de pesquisa e para participarem do Curso de Formação. Nesta mesma ocasião foi-lhes solicitado o preenchimento de uma ficha de inscrição e a assinatura de um termo de consentimento informado. Também foi entregue uma carta com informações detalhadas sobre a formação, tais como: local, datas, horários, etc.

Os participantes não se conheciam entre si, a não ser os jovens dos mesmos coletivos. Poucos jovens conheciam os demais grupos e ainda assim, apenas de ouvir falar, mas sem ter qualquer tipo de contato.

3.3 FASE 3: CURSO JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Depois de constituída a equipe para a pesquisa, os jovens foram convidados a participarem de um curso de formação, com o objetivo de discutir a temática da juventude e participação social, bem como para lhes fornecer subsídios teórico-metodológicos à realização da pesquisa de campo.

O curso intitulou-se “Juventude, participação social e narrativas juvenis” e foi organizado em três eixos: a) Conceito de juventude; b) Juventude e participação social; c) Metodologia de pesquisa. No curso foram trabalhadas as diferenças de métodos de pesquisa, as narrativas juvenis como metodologia e também foi realizada a capacitação para a pesquisa com outros jovens do seu coletivo. Este foi um momento definidor para a pesquisa, visto que, a metodologia adotada previa que os jovens da equipe compreendessem bem a proposta e o problema central da investigação, a fim de poderem manter o foco junto aos demais jovens a serem entrevistados posteriormente. Nesta parte do curso também foi construído, de forma

³ Feixa (2006) destaca que, historicamente, a maior parte dos estudos sobre juventude privilegiaram os jovens do sexo masculino. Por isso, aqui, a ideia foi fazer a pesquisa tendo em vista a representatividade de gênero, visando garantir uma presença equilibrada entre mulheres e homens.

⁴ A jovem que está há dezessete anos no grupo iniciou a participar quando tinha seis anos, pelo fato de que a família já participava daquele coletivo.

⁵ Este não foi um aspecto que comprometeu o critério, visto que o mesmo buscava justamente garantir uma participação equilibrada, incluindo membros do sexo feminino, e que acabaram sendo maioria.

coletiva, um instrumento para a coleta das narrativas dos jovens participantes nos projetos envolvidos na pesquisa.

O curso teve caráter de projeto de extensão, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com duração de 24h. Foi realizado nas dependências da Faculdade de Educação da Universidade, aos sábados pela manhã. Para o desenvolvimento das temáticas e o acompanhamento teórico foi elaborado um polígrafo de apoio que foi entregue encadernado para todos os participantes.

3.4 FASE 4: COLETA DAS NARRATIVAS DOS JOVENS SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO

Após a realização dos quatro primeiros encontros do curso de formação, cada um dos membros da equipe de pesquisa realizou as entrevistas com outros dois jovens participantes dos coletivos que integravam. Para a realização das entrevistas foram dadas orientações sobre os procedimentos a serem observados durante as mesmas. Para este procedimento, seriam necessários gravadores de áudio para gravar as narrativas dos jovens. Para tal, já tínhamos previsto um número mínimo de gravadores para empréstimo aos participantes, caso fosse necessário. Surpreendentemente, não foi preciso, pois quase todos eles tinham gravadores (no celular ou no mp3) e os que não possuíam, acabaram por emprestar aos outros.

As entrevistas, em sua maioria, foram gravadas em pen-drive e repassadas ao pesquisador no último encontro do curso de formação. As demais foram entregues pessoalmente em outros momentos, pois houve o caso de participantes que não conseguiram realizar todas as entrevistas antes do término do curso.

O panorama geral dos participantes da pesquisa somou um total de vinte entrevistas, entre jovens da equipe de pesquisa e outros jovens participantes. Os jovens dos coletivos InGá e Campanha contra a Violência realizaram as seis entrevistas previstas. Os jovens do Zumbi dos Palmares realizaram cinco e os do Afro Sul/Odomodê realizaram três.

3.5 FASE 5: DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA E AVALIAÇÃO DO PROCESSO REALIZADO

A última fase do curso e da participação da equipe de pesquisa foi a discussão prévia dos dados levantados a partir das narrativas juvenis que foram obtidas. Os dados resultantes das narrativas foram analisados a partir das discussões teóricas realizadas durante o curso. Também neste momento foi realizada uma avaliação sobre o processo pessoal e coletivo no curso de formação e na realização das entrevistas.

A metodologia da pesquisa procurou priorizar que os jovens integrantes da equipe fossem participantes ativos durante todas as fases do processo de investigação: preparação, coleta de dados e discussão inicial acerca dos achados. Desta forma, os jovens não se constituíram como meros objetos de estudo, que facilitaram a construção dos dados, mas foram sujeitos ativos da pesquisa, desenvolveram aprendizagens de um processo de investigação científica, além de contribuírem com suas ideias e posicionamentos.

Uma preocupação que esteve presente durante todo o processo foi a de procurar trabalhar, de modo insistente, o foco central do problema de investigação com a equipe. Muito do resultado qualitativo das entrevistas dependia desta clareza. Em vista disso, durante o curso, retomamos diversas vezes o problema central, procurando destacá-lo, para que as narrativas dos jovens fossem pertinentes ao estudo que estava sendo empreendido.

4. DOS RESULTADOS DA PESQUISA PARTICIPATIVA

Neste texto não será possível apresentar o resultado amplo das narrativas juvenis, visto que o objetivo do trabalho é apresentar o processo participativo da pesquisa, em que os jovens foram sujeitos efetivos. Em vista disso, na sequência, buscaremos destacar qual foi o resultado desta opção metodológica, apontando a visão dos jovens envolvidos na pesquisa.

Após a realização do curso com os jovens, o primeiro exercício de entrevista que realizaram foi com os próprios colegas do curso, em que eles puderam experienciar aquilo que havia sido estudado e acordado. O diálogo estabelecido no final de uma das entrevistas reflete a experiência de duas participantes:

Leticia⁶ – Ah, que legal, adorei entrevistar a Talita, minha amiga. Quantas coisas legais relembramos!
Talita – Então tá Leticia, foi bem produtiva essa nossa conversa. Um abraço.
(Leticia e Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

⁶ Os nomes dos participantes foram substituídos por pseudônimos para preservar a identidade dos jovens.

O exemplo é paradigmático para perceber a satisfação da jovem ao realizar a entrevista com a sua colega de grupo. A jovem Leticia destaca a sua satisfação em realizar uma entrevista com a sua colega, o que evidencia que ela se apropriou da técnica de pesquisa, aprendida durante o curso de capacitação. No ato seguinte, expressa sua alegria ao lembrar momentos marcantes de trajetórias que trilharam juntas naquele coletivo. Por sua vez, a jovem entrevistada concorda que a entrevista foi produtiva. Caso a metodologia adotada não proporcionasse este exercício ativo para os jovens, um exemplo como este não ocorreria num processo investigativo. Fato este que nos faz concordar com Bezerra e Takeuti (2009) quando afirmam a necessidade de superar o modelo investigativo baseado tão somente na relação entrevistador (pesquisador)/entrevistado.

Outros exemplos emblemáticos para perceber como os jovens da pesquisa conseguiram manter o foco do objetivo central da investigação é o modo como um dos participantes guiou as questões ao realizar uma entrevista com outro jovem de seu grupo:

Fernando – Partindo deste gancho da tua atuação na coordenação, digamos descentrando um pouco da narrativa até aqui de focar no grupo, trazendo um pouco mais do sentido desta experiência pra ti: qual *tu acha* que é o teu papel no grupo e o papel do grupo pra ti? (Fernando, Instituto Ingá).

Nesta entrevista, o jovem Fernando percebe que o seu entrevistado estava direcionando suas respostas para outros temas, então ele redireciona a pergunta, de modo a manter o foco da narrativa. Tal procedimento sugere que o jovem integrante da equipe de pesquisa compreendeu a proposta da investigação e habilmente manteve o direcionamento previsto no roteiro das questões.

A experiência de fazer uma entrevista com outros integrantes do seu grupo constituiu-se como uma novidade para os participantes, que se dispuseram a realizar este exercício de descoberta e de desafio pessoal diante da proposta que lhes foi lançada. Uma das jovens assim se expressa acerca de sua experiência de entrevistar outros membros do seu coletivo:

A história de vida de cada é a micro história de uma história maior, e assim deve ser recontada, lembrada. Ao escutar a história de vida dos membros da Pastoral da Juventude, recordei de diversas outras histórias de vidas, pois elas se cruzam entre si. Além de ter percebido o quanto a atuação dentro de uma organização social tem um poder muito grande de transformar a vida das pessoas. Também foi muito bom perceber que minha história de vida se cruza e faz parte também da história da organização do qual participo (Poliana, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

A jovem Poliana enfatiza que o exercício de escuta das narrativas de outros jovens do seu grupo lhe permitiu traçar paralelos entre elas e também com o próprio coletivo em que participam. Ela afirma também que percebe o cruzamento de sua trajetória pessoal com o grupo do qual participa. Este processo pode ser associado àquilo que Thomson (1997, p. 57) destaca ao afirmar que:

A nossa identidade é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com a nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos ou para outras pessoas, no convívio social. O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história.

Sua reflexão enfatiza a produção da identidade pessoal que acontece através do processo de narrar-se a si mesmo e da interação com outras pessoas do seu convívio. Essa lógica é que subsidiou a proposta metodológica deste trabalho, em que os participantes pudessem narrar as suas experiências de participação em determinados grupos e, a partir destas, enunciarem os sentidos produzidos para as suas vidas.

Tal processo também pode ser observado no relato de outra jovem, quando afirma:

Eu agradeço a oportunidade de ter percebido várias coisas através dessa entrevista, que me fez pensar no grupo, em mim, que eu não tinha pensado ainda. Obrigada. (Érica, Instituto InGá).

De modo espontâneo, ao final de sua entrevista a jovem expressa gratidão pela oportunidade de participar, destacando que o processo narrativo oportunizou pensar em aspectos sobre si e sobre o seu coletivo, que ainda não haviam sido pensados. O modo de narrar proporcionado por esta proposta de investigação procurou enfatizar exatamente este exercício pessoal de pensar sobre si e sobre o grupo e, a partir deste, narrar os sentidos de participação resultantes do mesmo.

Ao avaliar a participação no curso e no processo da pesquisa um dos jovens destacou:

A participação no curso nos encontros realizados na UFRGS foi mais surpreendente do que qualquer outra adjetivação. Isso porque as discussões e trocas de ideias em grupo foi inesperada no sentido de presenciar jovens de práticas tão distintas, mas com algumas percepções muito semelhantes, o que aproxima os participantes. Em muitas ocasiões, as dinâmicas de grupo são interessantes justamente por permitirem – se a pessoa está disposta – um certo abalo (positivo) nas convicções de cada um, aproximando-os ainda mais, o que pode ser muito produtivo na busca por reciprocidade e respeito a pontos de vista diferentes em outros aspectos. (Fernando, Instituto InGá).

Em sua avaliação, o jovem destaca uma surpresa positiva com a possibilidade de trocar ideias e discutir as experiências de jovens, que pareciam ser tão diferentes e que, na sua percepção são muito semelhantes. Enfatiza, ainda, certo “abalo positivo”, que pode supor um questionamento acerca de suas próprias concepções a respeito de outros grupos, com outras práticas. Sua reflexão sugere a existência da necessidade de interação entre grupos diferentes, mas que, geralmente se sentem privados de espaços de interação, onde possam realizar partilhar e discussões.

Outra referência aponta para a importância da Universidade abrir espaços à realização de experiências como esta. Em suas palavras:

Infelizmente, no curso da minha graduação [em outra universidade] a temática de Juventude é pouquíssimo debatida. Se é debatida ainda com poucas informações e leituras. Ter participado do curso da UFRGS possibilitou a reflexão em espaço universitário e junto de movimentos que trabalham e vivem diretamente pela e com a juventude. Além do debate, a universidade abriu portas para aqueles que atuam junto da juventude, abriu as portas pra sociedade civil organizada (Poliana, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em sua avaliação a jovem destacou dois aspectos principais. O primeiro é a possibilidade de discussão e aprofundamento sobre a temática da juventude, em que enfatizou a ausência da mesma, inclusive em outros espaços acadêmicos. Nesta situação, um dos grupos que sistematicamente tem sido ignorado socialmente, como é o caso da universidade, é dos sujeitos jovens (CACCIA-BAVA, 2004).

O segundo aspecto é aquilo que a jovem designou de abertura da universidade para sujeitos que atuam em diferentes coletivos, que ela chama de “sociedade civil organizada”. Tal afirmação sugere que ela jovem considera importante a abertura do espaço acadêmico para a inserção de indivíduos participantes de outras esferas da sociedade civil, como foi o caso do envolvimento dos jovens neste trabalho de pesquisa.

Outro jovem, ao falar de sua participação no seu coletivo de origem, destaca,

As crises que tivemos no grupo acho que foram muito marcantes. Isso aí, sobre as crises, eu gosto de pensar, agora que já passou mais tempo, porque houve momentos *muito casca* que estiveram a ponto de [o grupo] acabar, tipo “ah, vamos parar com isso aqui, não vamos mais continuar que isso aqui já era”. Mas conseguimos dar a volta por cima. Não teve uma crise, duas crises, houve vários momentos de crise, inclusive de gente sair magoada das reuniões (Márcio, Cursinho Zumbi dos Palmares) [grifos nossos].

O relato reporta-se às situações de crise e desmotivação vivenciadas no interior do grupo, que levaram a pensar que a experiência não teria continuidade ou que eles próprios poderiam desistir. O jovem afirmou ainda que ao participar do processo da pesquisa e ao entrevistar outros integrantes do seu grupo, conseguiu lembrar de muitas cenas que vivenciaram juntos e dos diversos obstáculos que foram superados coletivamente.

Neste processo, os jovens se permitem recordar e expressar dificuldades, crises e conflitos vivenciados em suas experiências. Também fica evidente que ressaltam a resolução dos problemas e a superação dos conflitos como momentos vividos e superados de forma coletiva, que, talvez, não seriam possíveis de modo individual. Ao discutir a dimensão das recordações, Errante destaca que,

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que leva a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver (ERRANTE, 2000, p. 57).

Tal reflexão enfatiza que, ao narrarem suas lembranças, os indivíduos se expressam a partir das modificações pessoais sofridas pela sua identidade pessoal e pela necessidade de construir um significado para as experiências passadas com a qual possam conviver. A partir dessa ideia, percebe-se que os jovens participantes da pesquisa não têm receio de falar de dificuldades e problemas, mas, também buscam uma harmonização do passado, através de afirmações como “dar a volta por cima”.

5 CONCLUSÕES

Buscando superar o modelo de pesquisa baseado na lógica entrevistador-entrevistado, neste trabalho optou-se por demonstrar que é possível desenvolver uma pesquisa que tenha como perspectiva metodológica a participação de jovens no processo de investigação junto aos coletivos juvenis. Apresentou-se de modo teórico e prático como a experiência de jovens entrevistando outros jovens contribuiu para a produção das narrativas juvenis nos coletivos em que estes eram integrantes.

Este procedimento compreende que o jovem, por ser coetâneo dos demais sujeitos da pesquisa, apresentou maior facilidade de interação com os mesmos, contribuindo com a

construção dos dados da pesquisa. Também demonstrou a capacidade de estabelecer vinculação e compromisso com uma pesquisa científica, contribuindo de maneira significativa para o seu desenvolvimento.

A abordagem metodológica desenvolvida neste trabalho supõe uma mudança de paradigma no processo de construção e de execução da investigação, visto que, neste caso, o pesquisador não detém completamente o poder da prática da pesquisa. Ele constrói o caminho metodológico a partir da participação dos sujeitos envolvidos. Supera também uma perspectiva adultocêntrica, em que os sujeitos jovens fariam parte de uma espécie de subcultura, com menor capacidade de participação social e com menor possibilidade de exercício de poder do que os adultos. (FEIXA, 2006).

Além da necessidade de disposição por parte do pesquisador, uma pesquisa com tal caracterização demanda investimento de tempo e de condições práticas para a sua realização, visto que a criação de uma metodologia participativa supõe envolvimento que pesquisas superficiais ou apressadas não conseguiriam desenvolver. Deste modo, salienta-se a importância de financiamento de pesquisas na área das Ciências Humanas, objetivando o aprofundamento de análises teóricas e metodológicas.

Por fim, convém ressaltar a importância de que os pesquisadores que atuam no campo das juventudes possam dialogar mais a respeito das suas construções teórico-metodológicas, articulando propostas comuns e ampliando os repertórios de pesquisa junto a este tema.

POSSIBILITIES OF CONSTRUCTING A PARTICIPATIVE RESEARCH METHODOLOGY WITH YOUNG PEOPLE

ABSTRACT

This work aims to answer the question: is it possible to carry out scientific research that uses a participatory methodology, involving young people as active subjects in the investigation? From this problematization, assumptions of the human sciences are discussed in which, traditionally, scientific works that carry out research with young people tend to develop vertical perspectives in which the researcher is subject and the participants are constituted only as an object. It starts from a theoretical foundation anchored in authors such as Feixa (2006), Melucci (2005), Pais (2003) and Sposito (2009), who emphasize the importance of conducting research “with young people” and not just “about young people”. A qualitative research based on youth narratives was developed, inspired by Niewiadomski and Takeuti (2009), through the organization of a course with young people from four social organizations that work with young people, based on four themes: ecology, ethnic-racial, education popular and violence. These young people underwent training on the theme of research and had technical training for its development. They were placed as active subjects in carrying out the fieldwork, contributing to the production of the narratives of other young people, members of the collectives in which they participated. The results of the work showed that it is possible to develop research in a participatory manner and that the training process carried out, *Rev. Educ., Cult. Soc., Sinop/MT/Brasil, v. 11, n. 1, p. 103-118, jan./jun.2021 20202.*

together with the effective performance, contributed to the training of young people, expanding their educational and social repertoires and enabling the learning of how to conduct academic research. In addition, they highlighted that they felt valued and with great autonomy to conduct the investigation processes.

Key-words: Youths; Participatory methodology; Youth Narratives; Education.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marlos Alves; TAKEUTI, Norma Missae. Trajetórias de um coletivo jovem: nem só de prática-gramática da ira. In: NIEWIADOMSKI, Christophe; TAKEUTI, Norma M. (orgs). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora I. P. O lugar dos jovens na história brasileira. In. CACCIA-BAVA, Augusto et al. **Jovens na América Latina**. São Paulo, Escrituras Editora, 2004. p. 63-114.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. 3ª ed. Barcelona: Ariel, 2006.

KAUFMANN, J. C. **L'entretien compréhensif**. Paris: Nathan, 1996.

KRAUSKOPF, Dina. La construcción de las Políticas Públicas de Juventud. In. DÁVILA, Oscar (org.). **Políticas Públicas de Juventud en América Latina: Políticas Nacionales**. CIDPA Ediciones. Viña del Mar, Chile, 2003.

LAPASSADE, George. **Les microsociologies**. Paris: Desclée de Brouwer, 1996.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global**. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

_____. **Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005.

NIEWIADOMSKI, Christophe; TAKEUTI, Norma M. Introdução. In: NIEWIADOMSKI, Christophe; TAKEUTI, Norma M. (orgs). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

NOVAES, Regina; VIDAL, Cristina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In. THOMPSON, Andrés A. (org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo, Peirópolis, 2005.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.



SOUZA, Leomárcia C. de S.; UZÊDA, Elizeu C. Histórias de vida, narrativas (auto) biográficas e docência na educação infantil. In: NIEWIADOMSKI, Christophe; TAKEUTI, Norma M. (orgs). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Edvcere, v. 1. 2009.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In.: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, SP, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.**

118

Recebido em 15 de setembro de 2020. Aprovado em 20 de janeiro 2021.

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011.